



22132057



PORTUGUESE A: LANGUAGE AND LITERATURE – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A : LANGUE ET LITTÉRATURE – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A: LENGUA Y LITERATURA – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Wednesday 8 May 2013 (morning)
Mercredi 8 mai 2013 (matin)
Miércoles 8 de mayo de 2013 (mañana)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two texts for comparative analysis.
- Section B consists of two texts for comparative analysis.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative textual analysis.
- The maximum mark for this examination paper is *[20 marks]*.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux textes pour l'analyse comparative.
- La section B comporte deux textes pour l'analyse comparative.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Rédigez une analyse comparative de textes.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[20 points]*.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la sección A hay dos textos para el análisis comparativo.
- En la sección B hay dos textos para el análisis comparativo.
- Elija la sección A o la sección B. Escriba un análisis comparativo de los textos.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[20 puntos]*.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

SECÇÃO A

1. *Analise, compare e contraste os dois textos a seguir. Inclua comentários sobre as semelhanças e diferenças entre os textos e a importância do contexto, público-alvo, objetivo e artifícios formais e estilísticos apresentados.*

Texto 1

Mergulhar na história

É um Indiana Jones* com garrafas de oxigénio! A arqueologia náutica é uma ciência ainda nova. Tiago Fraga, 32, é o único arqueólogo náutico no Algarve. Atualmente, está a trabalhar num excitante projeto de investigação, que envolve também os seus mentores, entre outros membros da equipa. Estão, literalmente, a (re)criar a história a partir do subsolo marinho de Lagos, cidade conhecida como berço dos descobrimentos portugueses. A ideia é localizar navios naufragados ao longo da costa, “reconstruí-los” virtualmente e tentar descobrir como funcionavam. “Os navios eram (e ainda são) umas das máquinas mais complexas e sofisticadas construídas pelos homens de cada geração”, escreve Filipe Vieira e Castro, um dos especialistas por detrás do projecto.

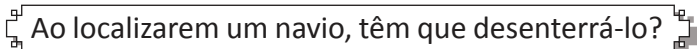
- 10 O Vivalgarve foi conhecer este “Indiana Jones subaquático” depois da sua última aventura nas profundidades da Baía de Lagos.

VIVALGARVE:

- 15 **TIAGO FRAGA:** É o melhor sítio na Europa! Desde os tempos pré-clássicos, a única forma de comunicação do Norte da Europa com o Mediterrâneo era através do Algarve. Este é o berço das Descobertas – e esta baía é a melhor do Algarve. Qualquer navio que necessitasse de se abastecer de água e mantimentos fá-lo-ia aqui. Duma maneira geral, é um local bastante seguro, mas pode ser traiçoeiro quando o vento é de sul – daí o número de navios naufragados que tentamos localizar.

- 20 **VIVALGARVE:**

- 25 **TIAGO FRAGA:** Bem, há três principais navios que seria muito importante encontrar. Um é uma embarcação da época dos Descobrimentos; o segundo é uma embarcação árabe; e o terceiro aquilo a que se chama navio romano do Atlântico. O objectivo é descobrir como é que tudo funcionava nestes barcos. As pessoas não percebem que como disse George Bass, pai da arqueologia náutica, “os pescadores já existiam muito antes dos agricultores”... Eles construíram estas máquinas incríveis que são muito resistentes. Os navios foram responsáveis por tudo no passado: pelo progresso, pela disseminação de ideias (...)

VIVALGARVE:  Ao localizarem um navio, têm que desenterrá-lo?

- 30 **TIAGO FRAGA:** Sim, com um aspirador gigante! Mas geralmente não trazemos os achados à superfície – a menos que possamos garantir a sua conservação – o que não é fácil. O maior problema neste tipo de arqueologia é que as pessoas têm tendência a fazer o que não fariam em terra... gostam de levar souvenirs! (...)

Natasha Donn, www.algarve123.com (2008)

* Indiana Jones: personagem de filme americano

Texto 2

Diário de Bordo

Letra a letra,
hora a hora,
linha a linha,
marquei no Diário de Bordo
5 as fases da viagem.

Dias e dias no embalar das vagas,
sem que um bafo de brisa poluísse
o abandono tentador das velas;
10 expedições forçadas, abordagens;
fome e sede de carne, nos jejuns
de cem dias de Mar;
velhos contos de bordo, em noites podres,
sem lua e sem estrelas;
o escorbuto na alma, apodrecida
15 à espera dos combates;
os rateios da presa recolhida
e, ao fim,
a Ilha dos Amores de qualquer porto
onde as mulheres se vendem.
20 E tudo foi, profundamente, inútil.

Livro de Bordo de Corsário, deixa
que o tempo apague a tua prosa inútil
e escreve a história imensa
daquela frota em que tu vais partir
25 – como pobre navio auxiliar –
à demanda e à conquista
do Novo Continente!

Álvaro Feijó, *O Corsário, Obras Poéticas* (1941)

SECÇÃO B

2. *Analise, compare e contraste os dois textos a seguir. Inclua comentários sobre as semelhanças e diferenças entre os textos e a importância do contexto, público-alvo, objetivo e artifícios formais e estilísticos apresentados.*

Texto 3



www.contratempomodernos.blogspot.com (2011)

Texto 4

O QUE É CIENTÍFICO?

Era uma vez um jovem que amava xadrez. Sua vocação era o xadrez. Jogar xadrez lhe dava grande prazer. Queria passar a vida jogando xadrez. Nada mais lhe interessava. Só lia livros de xadrez. Estudava as partidas dos grandes mestres. Só conversava sobre xadrez. Quando era apresentado a uma pessoa sua primeira pergunta era: Você joga xadrez? Se a pessoa dizia que não ele imediatamente se despidia. Tornou-se um grande mestre. Mas o seu sonho era ser campeão.

Derrotar o computador. Até mesmo quando andava jogava xadrez. Por vezes, aos pulos para frente. Outras vezes, passinhos na diagonal. De vez em quando, dois pulos para frente e um para o lado. As pessoas normais fugiam dele porque ele era um chato. Só falava sobre xadrez. Nada sabia sobre as coisas do mundo como pombas, beijos e sambas. Não conseguia ter namoradas porque seu único assunto era xadrez. Suas cartas de amor só falavam de bispos, torres e roques. Na verdade ele não queria namoradas.

Queria adversárias. Essas coisas como jogo de damas, jogos de baralho, jogo de peteca, jogo de namoro eram inexistentes no seu mundo. Inclusive, entrou para uma ordem religiosa. Eu viajei ao lado dele, de avião, de São Paulo para Belo Horizonte. Cabeça raspada. (...)

As pessoas normais brincam com muitos jogos de linguagem: jogos de amor, jogos de poder, jogos de saber, jogos de prazer. Jogos de fazer, jogos de brincar. Porque a vida não é uma coisa só. A vida é uma multidão de jogos acontecendo ao mesmo tempo, uns colidindo com os outros, das colisões surgindo faíscas. Uma cabeça ligada com a vida é um festival de jogos. E é isso que faz a inteligência. Mas o nosso herói, coitado, era cabeça de um jogo só. Jogava o tal jogo de maneira fantástica. Especializou-se. Sabia tudo sobre o assunto. E, de fato, sabia tudo sobre o mundo do xadrez. Mas o preço que pagou é que perdeu tudo sobre o mundo da vida. Virou um computador ambulante, computador de um disquete só. Disquetes são linguagens. O corpo humano, muito mais inteligente que os computadores, é capaz de usar muitos disquetes ao mesmo tempo. Ele passa de um programa para outro sem pedir licença e sem pensar. Simplesmente pula, alto.

Inteligência é isso: a capacidade de pular de um programa para outro, de dançar muitas danças ao mesmo tempo. O humor se nutre desses pulos. (...)

O nosso herói nunca ria de piadas porque ele só conhecia a lógica do xadrez, e o riso não está previsto no xadrez. (...) Para ele o mundo é só aquilo que as redes da sua linguagem pegam. O resto é irreal.

(...) A paixão dos homens pelos ideais não é um objeto físico. Não pode ser dita com a linguagem da ciência. No entanto, ela é um não-objeto que têm poder para se apossar dos homens que, por causa dela se tornam heróis ou vilões, fazem guerra e fazem paz. Mas um projeto de pesquisa sobre a paixão dos homens pelos ideais não é admissível na linguagem da ciência. Não seria aceito para ser publicado numa revista científica indexada internacional. Não é científico. A ciência é muito boa – dentro dos seus precisos limites. Quando transformada na única linguagem para se conhecer o mundo, entretanto, ela pode produzir dogmatismo, cegueira e, eventualmente, emburrecimento.

Rubem Alves, *Não é científico* (2007)